

REPRESENTAÇÕES DE ALUNOS SOBRE INDISCIPLINA NO ENSINO FUNDAMENTAL. Kátia Hatsue Endo, Mário Sérgio Vasconcelos, Maria Elvira Bellotto. - Psicologia - Curso de Psicologia - Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.

Sabemos que atualmente, um dos maiores problemas apontados pelos professores no contexto educacional é a indisciplina escolar. Desse modo, pensar a disciplina e a indisciplina na escola tornou-se freqüente e necessário no meio educacional brasileiro contemporâneo.

Tal contexto nos instigou, em 2003, a realizar uma pesquisa sobre as *representações de professores sobre a indisciplina na escola* (Vasconcelos, 2003). Tendo por finalidade desvelar o que de professores da rede estadual de ensino fundamental pensavam sobre a indisciplina, realizamos um estudo exploratório descritivo com 126 professores de 5 cidades da região de Assis (SP). Os resultados dessa pesquisa mostraram principalmente que: a). para a maioria dos professores pesquisados (70,6%), as questões éticas estão diretamente ligadas a atos de indisciplina por parte dos alunos; b) são atribuídas diferentes causas à indisciplina, porém a maioria (74,4%) atribui as origens a determinações de conotações inatistas ou empiristas; c). tais representações no meio educacional trazem grandes conseqüências à prática pedagógica, pois reforçam a idéia de um determinismo prévio que acarreta uma espécie de imobilismo e passividade no sistema educacional; d). os professores desconhecem e desconsideram o ponto de vista dos alunos sobre a indisciplina na escola.

Concluída essa pesquisa, ficamos interessados em conhecer o que os alunos pensam sobre a indisciplina no contexto escolar. Vários autores têm discutido o tema da indisciplina e chamam a atenção para o perigo de se cometer generalizações apressadas e reducionistas sobre o fenômeno (Aquino, 1996; La Taille, 1996; Lepre 1998; Geralde, 1998; Araújo, 1999). Apontam que o tema envolve aspectos sócio-históricos, culturais, filosóficos, lingüísticos, psicológicos etc. Também, não há dúvida de que o tema da indisciplina nos remete à área do juízo moral e envolvem níveis de consciência sobre as regras morais presentes nos diferentes contextos (Geraldi, 1998; Menin, 1985; Lepre, 2001; Silva, 2004). Dada a ampla dimensão do problema a ser analisado, estabelecemos uma vertente psicológica de análise e buscamos estudar, não a indisciplina em si, mas as idéias que os alunos têm sobre a indisciplina no contexto escolar.

Para esse novo estudo, fomos buscar na Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento, nosso referencial teórico-metodológico para a análise das representações dos alunos. Decidimos, então, investigar estudar os modelos organizadores do pensamento aplicados por alunos do ensino fundamental em relação à indisciplina no contexto escolar.

Segundo a Teoria dos Modelos Organizadores, as representações mentais são elaboradas a partir da interação do sujeito com o meio, que atua como um regulador da atividade cognitiva. O sujeito - ativo nesse processo - assimila os dados de uma situação concreta e atribui significado e uma função a eles, elaborando, assim, uma explicação para a situação. Um modelo organizador é definido como:

“o conjunto de representações que o sujeito realiza a partir de uma situação determinada, constituído pelos *elementos* que abstrai e retém como significativos entre todos os possíveis, aqueles que imagina ou infere como necessários, os *significados* e as *implicações* que lhes atribui, e as relações que estabelece entre todos eles. Os modelos organizadores do pensamento constituem aquilo que é tido por cada sujeito como a realidade, a partir da qual elabora pautas de conduta, explicações ou teorias. (Sastre *et al*, 1994, p. 19).

Os resultados das interpretações que o sujeito realiza dos fatos ou dos objetos perceptíveis são os dados ou *elementos* de um modelo organizador. Esses elementos são produto de uma atividade interpretativa feita pelo próprio sujeito sobre a realidade, que tem sua origem: a) nas abstrações dos observáveis; b) nas inferências sobre a situação com as quais se depara ou, ainda, c) na invenção de outros dados, em função da necessidade de compreensão da situação observada (Moreno *et al*, 2000, p.79).

O contexto de experiência é fundamental no processo de retenção de elementos de uma situação observada. Não são todos os dados possíveis a respeito da situação que são eleitos; somente

aqueles que têm sentido ou aos quais são atribuídos *significados*, em função da própria experiência do sujeito. Isto não quer dizer que o sujeito desconheça os outros dados da situação, somente que não são considerados como representativos dela. Os elementos que não existem na realidade (produto de inferências e de invenções) têm a mesma qualidade dos considerados reais, pois são parte da “realidade” do sujeito.

Os modelos organizadores também têm implicações:

“Os modelos organizadores não cumprem só a função de servir de base para a explicação de alguns fatos; servem também de ponto de partida para a ação, já que esta não tem como base a realidade, mas o que cada um acredita que é a realidade; dessa forma, nossas convicções guiam nossos atos mais que os fatos objetivos, o que equivale a dizer que construímos modelos da realidade” (Moreno *et al*, 2000, p. 91).

As implicações dos significados atribuídos aos elementos são conseqüências concretas desse processo. A realidade subjetiva do sujeito é expressada pelos modelos organizadores e é a base para suas explicações e ações diante dos fenômenos e dos problemas que enfrenta no cotidiano (Moreno, 1996).

Assumido esse referencial teórico-metodológico, definimos, então, nossos objetivos:

- *identificar os modelos organizadores de pensamento que sujeitos de 8 (oito) e 10 (dez) anos, alunos do ensino fundamental, aplicam diante de um conflito envolvendo a indisciplina em contexto escolar;*
- *verificar se há diversidade e/ou regularidade na organização desses modelos.*

Os sujeitos da pesquisa foram 40 alunos, de oito e dez anos (20 em cada grupo de idade), pertencentes a uma escola pública da cidade de Assis (SP). São alunos da 2ª e 4ª série do ensino fundamental, escolhidos aleatoriamente em uma escola que está situada na periferia da cidade e atendem alunos de população de baixa renda. Foram selecionadas 9 meninas e 11 meninos da 2ª série e 10 meninas e 10 meninos da 4ª série.

Como instrumentos de pesquisa utilizamos conflitos hipotéticos e entrevista semi-diretiva. Foram apresentados aos sujeitos dois conflitos relacionados a uma situação de indisciplina, e, posteriormente, realizada uma entrevista não diretiva sobre o tema. O primeiro conflito envolveu indisciplina de um aluno dirigido a um outro aluno. O segundo conflito envolveu indisciplina de um aluno dirigido ao professor. Os conflitos foram apresentados pelos pesquisadores através de narrativa, por escrito e em pranchas com desenhos representando os conflitos. As apresentações dos conflitos e as entrevistas foram feitas individualmente. Os sujeitos responderam às questões sobre os conflitos verbalmente e as suas respostas foram gravadas e, posteriormente, transcritas.

Considerando as recomendações de Sastre e Moreno (2000) sobre o processo de aplicação metodológica de conflitos, fizemos a adaptação de algumas características presentes no conflito em função da diferença de sexo dos sujeitos, isto é, narramos o conflito incluindo protagonistas com nomes do gênero do sexo do entrevistado.

Após a apresentação de cada um dos conflitos, pedimos para o sujeito dizer o que um dos personagens que presenciou a situação *pensou* e *sentiu* a respeito do acontecimento e o que *poderia fazer* na situação. A primeira e a segunda pergunta tiveram por finalidade explorar os modelos de uma forma mais aberta e ampla para que se pudesse estabelecer um panorama dos elementos selecionados e de como a situação é percebida. Com a terceira pergunta, buscamos desvelar o juízo de valor moral aplicado à situação.

Situação de conflito 1: Adriana, Beto e Celso estudavam numa mesma escola. Num dia de aula aconteceu o seguinte: enquanto cada aluno estava fazendo um exercício no caderno, Beto pegou o estojo de Adriana e jogou na cabeça de um colega. Celso viu tudo.

Situação de conflito 2: Adriana, Beto e Celso estudavam numa mesma escola. Num dia de aula, aconteceu o seguinte: enquanto cada aluno estava fazendo um exercício no caderno, Beto pegou o estojo de Adriana e jogou na cabeça da professora que estava escrevendo na lousa. Celso viu tudo.

Questão 1: “O que Celso pensou?”. Questão 2: “O que Celso sentiu?”. Questão 3 “O que Celso poderia fazer nesta situação? Por quê?”

O procedimento de investigação foi feito em duas etapas. Primeiro foi apresentado o primeiro conflito, com a historietta da indisciplina dirigida a outro aluno e, em seguida, foi feita a entrevista. Terminada esta primeira etapa, apresentamos o segundo conflito e fizemos a entrevista.

Os dados, dessa pesquisa em andamento, foram organizados seguindo os critérios de série e de idade dos alunos. Os modelos organizadores dos sujeitos da 2ª série foram catalogados com os 20 sujeitos enumerados de 1 a 20 (S1 a S20). Os modelos dos sujeitos da 4ª série foram catalogados com os 20 sujeitos enumerados de 1 a 20 (S1 a S20).

No momento, estamos categorizando e interpretando os modelos conforme os *elementos* abstraídos, seus *significados* e suas *implicações*, conforme o referencial teórico-metodológico adotado.

A análise preliminar dos dados indica os seguintes resultados: a) os modelos abstraídos refletiram diversidade e regularidade presentes nos raciocínios elaborados para resolver os conflitos apresentados. Tal fato indica que as explicações dos alunos sobre as situações de indisciplina escolar, variam conforme os modelos organizados a partir dos elementos sociais destacados, estejam os elementos presentes ou ausentes na situação hipotética e b) a variedade de modelos organizadores identificados evidencia a importância dos conteúdos sociais na construção dos raciocínios morais e c). a maioria dos alunos (89%) julgam a indisciplina com um “comportamento errado”.

Referências bibliográficas

- AQUINO, J. G. (1996). *Indisciplina na escola: alternativas práticas e teóricas*. São Paulo: Summus Editorial.
- ARAÚJO, U. F. (1999). Moralidade e indisciplina: uma leitura possível a partir do referencial piagetiano. *Anais da Jornada Paranaense de Educação*. Londrina: Futuro Eventos, p. 40-48.
- GERALDE, D. R.. (1998). *Escola: espaço para a construção da cidadania?* Assis: FCL/Unesp. (Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-graduação em Psicologia e Sociedade).
- LA TAILLE, Y. (1996). A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Indisciplina na Escola*. São Paulo: Summus Editorial.
- LEPRE, R.M. (2001). *A indisciplina na escola e os estágios de desenvolvimento moral na teoria de Jean Piaget*. Marília: FFC/Unesp. (Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Educação).
- MENIN, M. S. S. (1985). *Autonomia e heteronomia às regras escolares: observações e entrevista na escola*. São Paulo: Instituto de Psicologia/USP. (Dissertação de Mestrado).
- MORENO, M. *et al.* (2000). *Conhecimento e mudança: os modelos organizadores na construção do conhecimento*. São Paulo: Moderna..
- MORENO, M. (1996). *De las estructuras a los modelos organizadores*. Barcelona: Gedisa.
- SASTRE G. y MORENO M. (2000). Nuevas perspectivas sobre el razonamiento moral. *Educación e Pesquisa*. São Paulo: Faculdade de Educação/ USP, v. 26, n.2, p. 123-135, jul/dez.
- SASTRE, G. *et al.* (1994) El derecho a ser y la autorrenuncia: sus modelos organizadores en la preadolescencia. *Educación y Sociedad*. Madrid: Madrid n. 26/27. p. 13 - 25.
- SILVA, N. P. (2004). *Ética, Indisciplina & Violência nas Escolas*. Petrópolis: Vozes.
- VASCONCELOS. M. S. Disciplina e indisciplina como representações na educação contemporânea. In: LEITE, R. L. (2003). *Formação de Professores: desafios e perspectivas*. São Paulo: Unesp, p 465 – 479.

Bolsa: CNPq/PIBIC.